



RICARDO FRANCO, SUA VIDA, SUA OBRA

Pedro de Souza

Ricardo Franco é sempre um tema palpitante pela fecundidade e importância para nós de sua obra pessoal. O Tenente-Coronel Pedro de Souza apresenta-nos uma excelente síntese desta sua contribuição para nossa grandeza.

INTRODUÇÃO

O Cel Ricardo Franco de Almeida Serra trabalhou incessantemente em toda sua vida militar, de 1766 a 1809.

Em Portugal, aplicou-se em serviços de engenharia e de caserna, de 1766 a 1779. No Brasil, a que deu o melhor de sua existência, fê-lo mais longamente, de 1780 a 1809.

Quase meio século de fecunda atividade consagrou Ricardo Franco, tanto lá como aqui, ao serviço público. Fê-lo sem tréguas nem repouso, senão para refazer a saúde, vez por outra abalada por danos causados pelos próprios serviços, em zonas endêmicas e inóspitas.

Nunca se poupou esse denodado batalhador, nem seu ânimo viril desfaleceu diante de dificuldades, obstáculos e perigos, nem dos rigores do sertão ou da inclemência do tempo.

Não consta que se tenha aplicado a trabalhos de interesse próprio, a não ser, a breves trechos, na indústria rural, a título de entretenimento. Fazia-o, certamente, em fins de semana, nos intervalos de tarefas e missões recebidas durante os anos que passou em Vila Bela, junto aos capitães-generais. Mesmo assim é de se supor que o fizesse para animação de iniciativas particulares na produção de gêneros de consumo.

Os trabalhos realizados por ele no Brasil ocupam toda a gama de

serviços peculiares à geografia, chefia de escritório, engenharia, administração pública e comandância de fronteira na paz e na guerra. ⁷

DESENVOLVIMENTO

a. Histórico

Existe controvérsia quanto ao local de nascimento de Ricardo Franco. Alguns historiadores afirmam ter sido em Lisboa e outros na Cidade do Porto. A existência de documento do Arquivo Histórico Militar do Estado-Maior do Exército português, em que consta ter sido seu pai criado dos reis D. João V e D. José I, corrobora a afirmação de seu nascimento em Lisboa.

O ano foi o de 1748, por coincidência notável o mesmo da criação da Capitania do Mato Grosso, como a pressagiar que ele iria dedicar sua prodigiosa atividade, até seu último alento, à nova capitania.

Do dia e o mês não se tem conhecimento.

Em 1766, era partidista da Academia Militar, com os cursos de Infantaria e Engenharia.

Aqui cabe uma explicação: *Partidista* significa — discípulo com partido; — *Partido* era um subsídio ou prêmio pecuniário concedido aos discípulos das Aulas ou Academias Militares que se distinguiram pelo amor ao estudo, aproveitamento e aptidão para as matérias, nelas ministradas. Corresponhia a uma situação seme-

lhante à do nosso Asp Of. Gozou dessa prerrogativa durante mais de dois anos, na Academia da Corte, em Lisboa.

A 9 de setembro de 1766 arrematou-se numa unidade de sua arma, ou talvez na Unidade-Escola da Academia Militar, antes de iniciar suas atividades de engenheiro. Tal estágio era necessário para manter contato com a tropa e participar das atividades cotidianas da caserna e dos exercícios táticos que preparam os jovens oficiais para a instrução de conscritos e exercício e treino do comando.

Terminado o primeiro ano de tropa, passou, em 1767, à disposição do Quartel-Mestre-General, ocupando-se em trabalhos de engenharia por mais de dez anos ininterruptos.

A essa altura já tinha sido promovido a ajudante-de-infantaria na função de engenheiro, por carta patente de D. Maria I, de 15 de novembro de 1768.

Em fins de 1777 solicitou sua promoção a capitão, no que não foi atendido.

Crê-se que em 1780, quando embarcou para o Brasil, já teria sido promovido a capitão. Tal hipótese é aceita pois, nessa época, era comum aos oficiais que se ofereciam para servir nos territórios ultramarinos portugueses, ou os que eram nomeados por imposição do serviço, beneficiarem-se de um ou dois postos de acesso.

Quando se encontrava em Mato Grosso, a 30 de janeiro de 1790, por carta patente de D. Maria I, foi promovido a sargento-mor, o que fortalece a hipótese de

ter sido promovido em pouco tempo ao posto de capitão por ocasião de sua nomeação para servir no Brasil.

Foi promovido a tenente-coronel em 12 de dezembro de 1791 e a coronel em 11 de julho de 1803, após a vitória de Coimbra.

b. Trabalhos de engenharia realizados em Portugal

Em 25 de outubro de 1777, o Quartel-Mestre-General, Coronel Guilherme Elsdén, de quem, como já vimos, Ricardo Franco tinha sido nomeado ajudante-de-infantaria, ocupando-se em trabalhos de engenharia, assim se referiu aos seus serviços, em nota elogiosa:

“Atesto que, sendo encarregado, por ordem de Sua Majestade, para muitas e diversas diligências, foi um dos oficiais que nelas me coadjuvaram o ajudante-de-infantaria, com o exercício de engenheiro, Ricardo Franco de Almeida Serra, em que, sem interrupção de tempo, se tem ocupado por mais de dez anos continuados, com ciência, zelo e atividade em todas as diligências de que o incumbi, e de que as principais são as seguintes:

— Mapa geral de todas as lezírias (terra plana e alagadiça à margem do rio) e margens do Tejo, em que se configuraram as terras de todos os particulares, com o cálculo da superfície e produção de cada uma delas.

— As plantas de todas as vilas de Ribatejo, da parte Norte e Sul.

— O mapa do sítio dos olhos d'água até a Vila de Setúbal.

— O mapa que se tirou do

campo e foz do rio Lima, níveis e projeto para a sua abertura e concerto.

— Mapa dos campos de Alcobça, Alfizeirão e foz de São Martinho.

— O mapa do sítio das minas de carvão de pedra na Vila de Buarcos e a de terrenos contíguos em uma légua de distância.

— A planta da cidade de Coimbra, e a do terreno em que se compreendem frequências circunvizinhas e confinantes com as da dita cidade.

— Ultimamente, se empregou nos projetos inspeção, construção, cálculos e medições dos edifícios, que novamente se edificam na Universidade de Coimbra para uso das Ciências Naturais, assistindo e dirigindo efetivamente a sua construção e aumento; indo, para o mesmo fim à Mata da Magaraza na Serra da Estrela, concertar e fazer os novos caminhos, que se abriram até a foz do rio Alva, para mais facilmente se transportarem as madeiras que da referida mata fez conduzir para as referidas obras.

“O que, por ser verdade, e o dito Ajudante ter servido à Sua Majestade em as sobreditas e outras mais diligências às minhas ordens, sempre com satisfação, honra e atividade pelo decurso de dez anos sucessivos, somente com o intervalo de algumas moléstias que padeceu pelos maus sítios em que trabalhou. Lisboa, aos 25 de outubro de 1777.”

Durante os anos de 1778 e 1779, Ricardo Franco teria realizado a sua segunda arregimentação, comandando companhia e,

provavelmente, no posto de capitão.

c. Viagem para o Brasil

Ricardô Franco é nomeado para participar da Terceira Partida de Demarcação de Limites da América, pertinente ao Tratado de 1777. O ato da designação para o serviço de tão alta relevância bem demonstra a competência e as qualidades morais de que era possuidor.

Em companhia do também militar português, Joaquim José Ferreira e dos astrônomos brasileiros Francisco José de Lacerda e Almeida e Antonio Pires da Silva Pontes, dentre outros, a 8 de janeiro de 1780, Ricardo Franco embarcou na charrua *Coração de Jesus*, com destino ao Pará.

Durante vários anos Ricardo Franco trabalharia nos sertões do Brasil com esses três companheiros de viagem.

Após 49 dias de viagem, o veleiro português atracou no Pará.

Alguns historiadores afirmam que aí tiveram início as grandes expedições de caráter científico no Brasil.

d. Trabalhos técnicos realizados no Brasil.

Em todàs as comissões de que Ricardo Franco participou no Brasil, exerceu, sempre, as funções de chefe. Até mesmo na Junta do Governo, de que participou por duas vezes, exerceu o mando em igualdade de condições com os outros dois membros.

Somente uma autoridade pairou acima dele na Capitania: a dos capitães-generais.

Na convivência com esta autoridade sempre gozou de sua consideração por ser um colaborador eficiente, leal e dedicado ao extremo, tanto que o consultavam com frequência em negócios da Capitania.

Conforme já vimos, Ricardo Franco chegou ao Pará a 26 de fevereiro de 1780. Aguardando os castelhanos para dar início aos trabalhos de demarcação, Ricardo Franco permaneceu em Belém cerca de seis meses, ocasião em que, junto com J. J. Ferreira, desenhou o mapa das Capitânicas do Pará, Maranhão, Piauí e São José do Rio Negro.

Finalmente, a 2 de agosto partiram, na companhia do Comissário Chefe das demarcações do Setor Norte, João Pereira Caldas, governador do Grão-Pará e de São José do Rio Negro, para a Vila de Barcelos, sede do governo desta última capitania, onde desembarcaram a 17 de outubro.

Aí permaneceram até o fim de dezembro.

Durante este período de tempo reconheceram e exploraram o rio Negro e o rio Branco, nas fronteiras da Venezuela e Guianas. Juntamente com J. J. Ferreira, Ricardo Franco teria desenhado o mapa do Japurá.

Dentre as principais expedições sertanejas, ou seja, trabalhos de sertão e campo, podemos citar:

— Reconhecimento do rio Branco, em que Ricardo Franco, num trecho encachoeirado do cur-

so d'água, teve sua canoa virada, escapando de morrer afogado por ter-se agarrado num galho de árvore.

— Levantamento dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, ocasião em que a expedição foi atacada por índios, tendo de fazer uso das armas para repeli-los.

— Reconhecimento do rio Paraguai. Nesta expedição, partiram de Vila Bela, na época capital de Mato Grosso, que teve a duração de 187 dias.

Além disso, participou da exploração de várias cabeceiras de rio. Durante um desses trabalhos, ao transpor o ribeirão das Cinzas, que estava com seu leito aumentado em virtude das chuvas, seu cavalo afocinou e ele, que não sabia nadar, teve sua vida salva por seu auxiliar, Manoel Rabelo Leite.

Participou, também, do arrolamento da Fazenda Caiçara, cuja área media 740.000 hectares.

e. Principais obras de engenharia

— Quartel dos Dragões em Vila Bela, que era a tropa de guarda dos capitães-generais.

— Construções em Casalvasco. Foi ele que levantou a Fazenda de Casalvasco, de 840.000 hectares, projetando algumas obras de sua sede.

— Forte de Coimbra. Sua principal obra. Durante dez anos a ela se dedicou, não a deixando, infelizmente, totalmente pronta.

f. Trabalhos de escritório

Dentre esses trabalhos encontram-se trabalhos de cartografia, plantas topográficas, plantas e desenhos de obras, trabalhos de redação, englobando diários de reconhecimento de rios, dos quais podemos citar os rios Branco, Paraguai e Madeira, dentre outros. Convém ressaltar os diversos trabalhos de reflexões e descrição geográfica da Capitania de Mato Grosso.

g. Assessoria nas juntas de governo

Graças à sua competência e discernimento em assuntos técnicos, militares, administrativos e políticos, Ricardo Franco conquistou a confiança dos capitães-generais, sendo consultado na solução dos graves problemas da Capitania. Assim, de 1782 a 1797 e de 1807 a 1808, em Vila Bela, assessorou os capitães-generais de perto, como também nos 10 anos que passou em Forte de Coimbra, longe da capital. Quando ocorria a vaga de capitão-general, o que ocorreu duas vezes, por morte dos respectivos titulares, o governo da Capitania, por força de alvará, passava a ser exercido por uma junta tríplice, chamada *governo de sucessão*, composta do Ouvidor, do Vereador mais velho de Vila Bela e do Oficial mais graduado ou mais antigo de posto na Capitania. Por duas vezes, Ricardo Franco ocupou o lugar que lhe competia na Junta de Governo, em virtude de seu posto.

h. Comando da Fronteira Sul e do Forte de Coimbra

A instabilidade política surgida na Europa, no fim do século XVIII, com a ascensão de Napoleão, refletiu no Brasil, exigindo maior vigilância na fronteira com os espanhóis. Assim, em 1797, Ricardo Franco é nomeado Comandante da Fronteira Sul e do Forte de Coimbra, por ato do Capitão-General Miranda Montenegro, assumindo o comando em agosto de 1797. As notícias vindas da Europa eram de tal gravidade que exigiram a convocação de milicianos, o envio de contingentes para reforço de Coimbra e a ordem de fundação de um novo presídio: o de Miranda. Francisco Rodrigues do Prado, que comandou Coimbra por 5 anos, foi seu fundador em novembro de 1797.

A paliçada construída por Matias Ribeiro da Costa, em 1775, era uma obra de emergência, que assim permaneceu até aquela data por indefinição dos tratados de limites, existindo, inclusive, a corrente portuguesa que defendia o retorno das terras a oeste do rio Paraguai aos castelhanos, incluindo os Fortes de Coimbra e de Albuquerque. Este fato só não se tornou realidade graças à ação enérgica do Capitão-General Luís de Albuquerque de Mello e Cáceres.

Ricardo Franco verifica então que é necessário realizar obras no Forte para melhorar suas condições de defesa e, já em novem-

bro de 1797, assenta a pedra angular das muralhas.

Em 1801, ano do ataque comandado por Lázaro de Ribera ao Forte, ainda restava fechar parte do mesmo, não existindo cômodo ou habitação alguma em seu interior.

i. Ataque ao Forte de Coimbra

O agravamento da situação política na Europa redundou no rompimento de relações entre Portugal e Espanha. Os paraguaios tomaram conhecimento deste fato antes do Governo da Capitania do Mato Grosso.

Como já vimos, em 1797, as medidas tomadas pelos portugueses já consideravam a possibilidade de serem atacados pelos espanhóis, embora a considerassem remota.

Desta maneira, quando o Governador do Paraguai, D. Lázaro de Ribera, no dia 16 de setembro de 1801 ataca o Forte de Coimbra, seu Comandante, Ricardo Franco, não ficou surpreso com o ataque, porém não se encontrava em condições ideais para o combate.

Os índios Guaicurús eram amigos dos portugueses e não gostavam dos espanhóis. Um deles, de nome Nixinica, ao avistar as embarcações castelhanas no Paraguai-inferior, correu a avisar Ricardo Franco. A expedição denunciada por Nixinica podia realmente dirigir-se contra o Forte, podia ser uma simples demonstração de força ou uma visita de inspeção do governador paraguaio

ao Forte Borbon, situado ao sul de Coimbra.

Fosse qual fosse o motivo, Ricardo Franco mandou alguns índios Guaicurus observarem e tomarem informações do que se passava. D. Lázaro os faz prisioneiros. Sua demora no regresso obrigou Ricardo Franco a realizar um reconhecimento mais minucioso, com militares, despachando duas canoas, rio abaixo, no dia 12 de setembro, as quais no dia 13 foram atacadas e, a 14, retornaram a Coimbra.

Morosos foram os castelhanos na marcha das operações. Logrando a surpresa estratégica e a prioridade da iniciativa, perderam a surpresa tática, que lhes teria rendido vantagens imprevisíveis.

Por volta das 16 horas do dia 16 de setembro de 1801, chega com toda a pompa a flotilha castelhana, atingindo a altura do Forte sem sequer diminuir a marcha. Ricardo Franco, com apenas 49 soldados e mais 60 civis, sem nenhuma embarcação, dispendo de 4 canhões de calibre um e 110 fuzis, via à sua frente uma flotilha de 3 sumacas grandes e uma menor, 12 peças de artilharia de médio e grande calibres, com cerca de 600 homens.

O canhoneiro do Forte mandou a primeira advertência. Como não parasse, dispara mais uma vez. Lázaro de Ribera resolve, então, dar uma demonstração de seu poderio bélico, despejando inúmeras granadas de artilharia sobre a fortaleza inacabada.

As 8 horas do dia seguinte, o comandante castelhano envia um

oficial ao comandante do Forte com um ultimatum, exigindo a rendição da guarnição. No forte a situação era difícil. Encontravam-se desparelhados materialmente, desprovidos de subsistência e em inferioridade numérica.

É oportuno lembrar aqui a resposta franca, ativa e imediata do valoroso comandante:-

"Tenho a honra de responder categoricamente a V. E.^{xa} que a desigualdade de forças foi sempre um estímulo que muito animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los até as suas extremidades, ou de repelir o inimigo ou de sepultar-se debaixo das ruínas dos fortes que lhes confiaram; nesta resolução estão todos os defensores deste presídio, que têm a distinta honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. E.^{xa}, a quem Deus guarde muitos anos. Coimbra, 17 de setembro de 1801."

Diante da desconcertante resposta do comandante português, foi reiniciado o bombardeio que prosseguiu dia e noite, de 17 a 21 de setembro, com tentativas de desembarque, rechaçadas valentemente pela guarnição do Forte. Ante a resistência e aos contra-ataques desfechados, os atacantes resolveram mudar de tática. Executaram um sítio ao forte, na tentativa de conseguir a rendição pelo esgotamento e pela fome. Os comandados de Ricardo Franco, que já vinham economizando munição e só atiravam com a certeza de atingir o alvo, levaram vantagem sobre o adversário. Depois de tentarem mais um ataque sem sucesso, no

dia 24, a frota castelhana bateu em retirada, aproveitando-se da escuridão da noite. Era a vitória da altivez e da audácia, da bravura e da liderança de um chefe que personificou o dever militar.

Ricardo Franco ainda permaneceu no Forte até 1806, tendo exercido o comando por dez anos ininterruptos, voltando a comandar aquela guarnição por mais uma vez, de 1808 a 1809.

CONCLUSÃO

Por nosso país trabalhou Ricardo Franco incessantemente, de 1780 ao dia de sua morte, 21 de janeiro de 1809. Grande admiração e estima granjeou, aqui, de todo os brasileiros. Pelo bom conceito trazido de Portugal e pelas primeiras mostras de seu valor profissional e de seu caráter, é que os governadores do Pará e do Mato Grosso o escolheram para chefiar as mais importantes expedições que até então se realizaram no Brasil, que foram as do Rio Branco, do Madeira e do Paraguai, convindo notar que trabalharam sob sua chefia astrônomos do quilate de Lacerda e Almeida e Silva Pontes. Esse fato, por si só demonstra, a par de sua competência profissional, a distinção moral, a lhanza e cortesia que tornavam suave a sua autoridade. Ricardo Franco, sempre levando a vida de soldado errante, embrenhando-se por baías, rios e interior das matas, permaneceu solteiro, talvez por não en-

contrar tempo para dividir com sua companheira. No entanto, na solidão do Forte de Coimbra, conheceu uma índia de cuja tribo as mulheres tinham fama de beleza e dessa união nasceram dois filhos. Antes de morrer, Ricardo Franco reconhece a índia e os filhos como seus herdeiros, dando uma demonstração de seu exemplar caráter. A 21 de janeiro de 1809 falece o engenheiro-soldado no Forte que construiu, e que lá viveu por mais de uma década, tendo deixado o seu exemplo intimamente ligado à história daquela guarnição.

Seus restos mortais permanecem no Forte até os dias atuais, como uma relíquia a inspirar o amor e o dever às novas gerações de militares que por ali passam.

Foi com base nesse passado de lutas e glórias, particularmente à frente do comando geral da Fronteira Sul da Capitania do Mato Grosso e Forte de Coimbra, que a 2ª Brigada Mista elegeu, para sua denominação histórica, o nome do intrépido Ricardo Franco, o que foi confirmado pela Portaria Ministerial nº 1.504, de 10 de dezembro de 1980.

BIBLIOGRAFIA

- 200 Anos de Forte Coimbra* — Dr. Octávio Gonçalves Gomes.
Heroicidade... e Fé — Gen Raul Silveira de Mello.
Revista Militar Brasileira — Ano LXI — Número Especial — Vol. CVII.

Um Homem do Dever — Cel Ricardo Franco de Almeida Serra — Gen Raul Silveira de Mello.

Para Além dos Bandeirantes — Gen Raul Silveira de Mello.

Discurso de Posse na Academia Mato-Grossense de Letras — Dr. Lécio Gomes de Souza.

Coronel Ricardo Franco — Gen Raul Silveira de Mello.



Ten Cel Art Pedro de Souza. Cursos que possui: Academia Militar das Agulhas Negras. Escola de Instrução Especializada — Observação Aérea. Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Função que exerce atualmente: Chefe da 4ª Seção da 2ª Brigada Mista.